



UM APERTO DE MÃO SYMBOLICO: — O ex-presidente da republica do Brazil e o presidente da republica portugueza no palácio de Belem

N.º 293 Lisboa, 2 de Outubro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SEculo

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBEIRT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão: RUA 1DO SEculo, 43

Porque razão gosam de tanta fama
 OS
COMPRIMIDOS "BAYER"
DE ASPIRINA?

1). Pela sua multiplicidade de indicações como:



Rheumatismo	Dôres de cabeça
Influenza	Dôres de dentes
Resfriamentos	Nevralgias
	Colicas menstruaes

2). Pela falta absoluta de efeitos secundarios, como acontece com os salycilatos, a morfina e outros medicamentos.

Exigir sempre em toda a parte

OS

COMPRIMIDOS "BAYER"
DE ASPIRINA



A RECONSTRUÇÃO DE BENAVENTE

Em 23 d'abril de 1909, pouco tempo depois do grande terremoto de Messina, a nossa pequena Benavente, villa ribatejana então prospera e alegre, soffreu tambem egual catastrophe. Foi uma tremenda hora de panico com as casas a es-



população atemorizada que n'essa noite, vagueando por entre as ruínas, apresentava o mais desolador dos aspectos. Nas povoações visinhas, Samora, Santo Estevão e Salvaterra tambem houve grandes abalos de terra.

De toda a parte chegaram soccorros, fizeram-se bandos precatorios a favor das familias que o terramoto deixara sem recursos, vivendo em barracas feitas com lonas e com restos de traves, recebendo os viveres que mal chegavam nos primeiros dias para toda aquella gente desdi-



1—As casas mandadas construir pela Cruz Vermelha em Samora
 2—O engenheiro sr. Sa Carneiro que fez os projectos das casas mandadas construir, por intermedio do «Seculo» em Samora e Benavente
 3—A casa mandada construir por intermedio do «Seculo», vista de frente 4—A casa vista por detraz

boroarem-se, paredes a abrirem, por en're o clamor da

tosa. Depois chegaram os bons dias; os donativos começaram a ser applicados e Benavente, como Samora e Salvaterra, começou a sahir das cinzas. Vieram os trabalhadores desobstruir as ruas, chega-



ram os materiaes e as casas, construidas em condições proprias para o terreno sujeito a esses abalos de terra, foram apparecendo pouco a pouco. Na grande lista dos subscripto-



1—A Camara Municipal de Benavente em reconstrução
 2—A porta da Camara Municipal de Benavente no dia da entrega das casas: 1.º plano: Srs. Antonio Veiga, Neves Carvalho, presidente da Camara de Benavente e Vasconcellos Horta 2.º plano: Srs. Emygdio Augusto da Silva, dr. Anselmo Xavier, senador pelo circulo, Antonio Maria de Freitas, secretario geral do «Seculo» 3.º plano: Srs. Sá Carneiro, engenheiro que fez os projectos de habitações, José Passos Mesquita, Manuel Antonio Gomes, chefe dos escriptorios do «Seculo» e Alberto Paim Ferreira. 3—Em Benavente: O sr. Antonio Maria de Freitas secretario geral do «Seculo» entregando a casa construida por intermedio do jornal

res para a reconstrução de Benaven-

te, prestando além de tudo o auxilio da sua larga circulação, esteve o *Seculo*, por intermedio do qual se arranjaram capitaes para construir duas casas, uma n'aquella villa a outra em Samora. Os nossos compatriotas residentes na India colheram os obulos e o *Seculo* auxiliou-os com uma grande dedicação e finalmente encarregou o illustre engenheiro sr Sá Carneiro de fazer os projectos para as habitações que foram entregues á Camara Municipal de Benavente para que as utilisassem duas viúvas das mais necessitadas: Havia cinco nas mesmas condições, soffrendo da mesma miseria e então recorreu-se á sorte a fim de se vêr quem as deveria habitar, cabendo a casa de Benavente a Anna Cordeiro que tem dois fi'hos menores, e a de Samora a Maria Eugenia da Costa, que vive com uma pequenina neta.



1—A porta da casa de Samora construida por intermedio do «Seculo»: Os srs. Luiz Parracho e Estevão Callado thesoureiro e presidente da junta parochial, com a moradora da nova habitação 2—A janella da casa de Benavente: Os seus moradores 3—Novas edificações em Benavente vendo-se ao fundo o bairro do Porto em construcção

Em 16 de setembro foram os srs. Antonio Maria de Freitas, secretario geral do *Seculo*,





1—Uma das ruas de Samora, que mais soffreu com o terremoto, em reconstrução
 2—O bairro da Cruz Vermelha em Samora
 3—Uma rua já reconstruida em Benavente vendo-se ao fundo uma ruina



4—A reconstrução da rua da igreja em Benavente (Clichés de Benoitel)

tu o mais devotado dos auxilios.

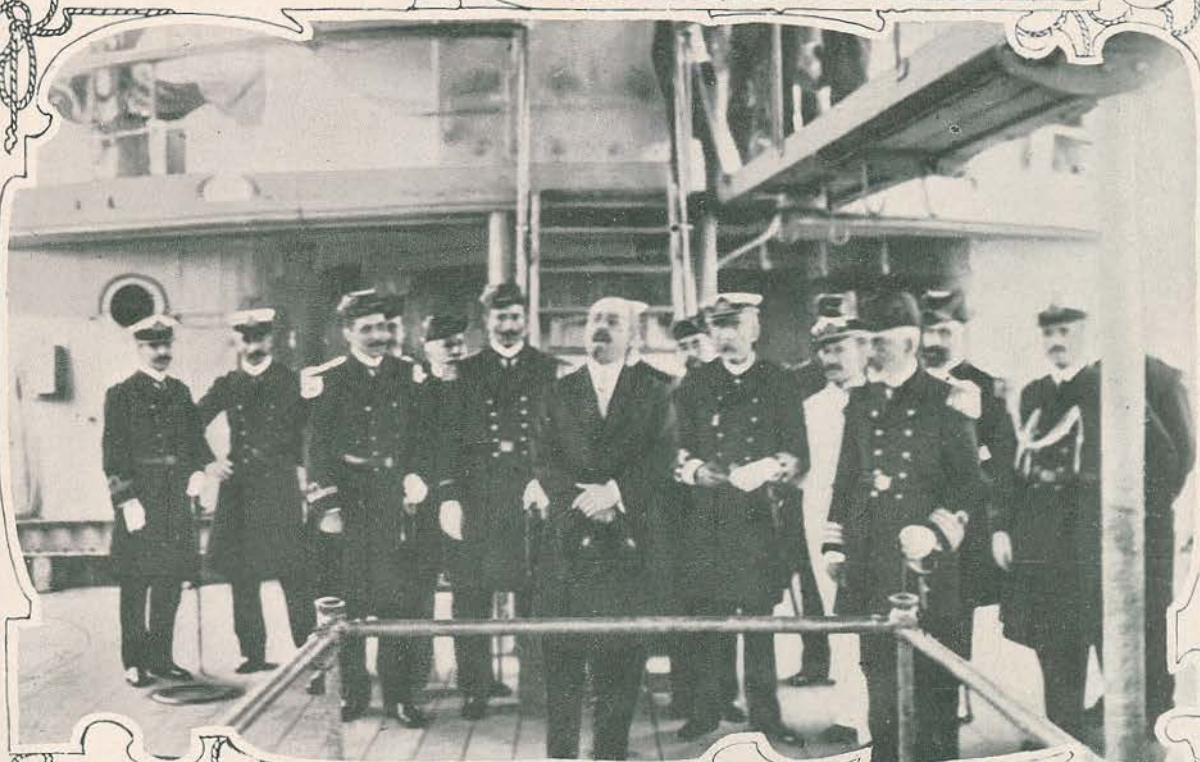
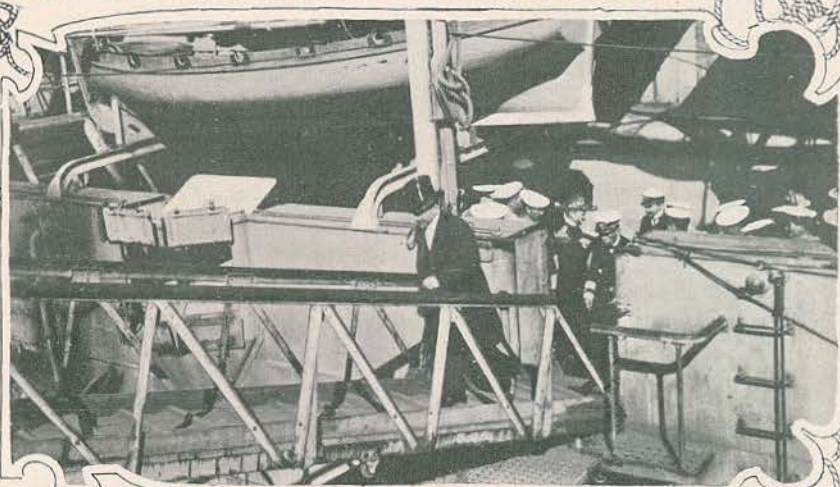
como delegado do director do jornal sr. Silva Graça, Manuel Antonio Gomes, chefe dos escriptorios, capitão de engenharia Sá Carneiro, engenheiro do *Seculo*, fazer a entrega das casas á Camara Municipal de Benavente, sendo lvrado um auto na presença do senador dr. Anselmo Xavier, presidente



A VISITA DO MINISTRO DA MARINHA AOS NAVIOS DE GUERRA.

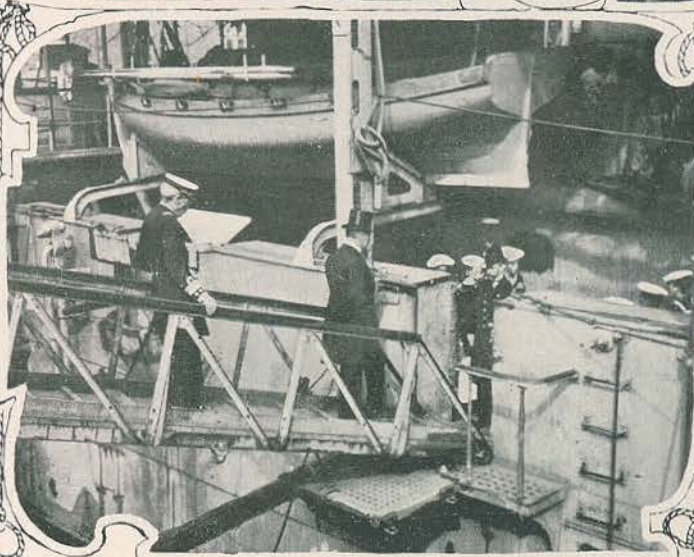
Dias depois da sua visita ao quartel de marinheiros o ministro da marinha foi a bordo dos navios de guerra surtos no Tejo, sendo acompanhado pelo major general da armada.

Primeiro esteve na fragata *D. Fernando*, que é o navio chefe, e seguidamente foi aos



1—A bordo do «S. Raphael»: o ministro visitando o navio

cruzadores *Vasco da Gama* e *Republica*, aviso 5 d' *Outubro*, rebocador *Berrio*, canhoneiras *Lagos* e *Limpopo* e torpedeiros 1 e 4. Visitou também o *Almirante Reis* e o *S. Rafael*, falando á marinhagem em todos os navios a recordar a tradição de



2—O ministro entre a officialidade falando á marinhagem

3—A saída do ministro cada um d'elles e dando ordem para serem dados por findos todos os castigos disciplinares o que não foi necessario porque, caso extraordinario em todas as marinhas do mundo, não havia menhuma praça castigada.

O-TINTEIRO-MONUMENTAL-OFFERECIDO-AO-SR.DR.
AFFONSO-COSTA



Com o se diga — *Uma espada de Honra* — não vejo motivo para se não dizer — *Um Tinteiro de Honra*, desde que

este segundo objecto tenha, para a sua producção e destino, motivos semelhantes aos que podem determinar a offerta do primeiro. A espada de guerreiro e a penna do legislador, ou do juriconsulto, riscam por egual na historia dos povos o seu modo de ser, as suas virtudes, os seus altos feitos. E porque aquella escreva com sangue e este com tinta, o tinteiro converte-se no celeiro symbolico da obra de todo o pensamento, como o sangue o é de toda a acção valorosa e heroica. E assim nobreza de penna ou nobreza de espada teem cada qual o seu especial processo de se revelar e especies symbolos representativos. Foi o tinteiro de honra que os amigos politicos do sr. dr. Affonso Costa escolheram para lhe offerecer, como representação artistica da homenagem devida á sua obra de reformador, encarregando da sua feitura quem melhor do que ninguem podia, a to-

dos os res- peitos, le- va-la a ef- feito. João da Silva que, a ser um nota- vel meda- llista, reu- ne todos os talen- tos de um ourives e joa- lheiro original, é além d'isso um dos mais decididos revolução- rios que eu conheço; quem o viu nas tres jornadas de 3, 4 e 5 de outubro de 1910, envolvido até á suprema abne- gação na obra republicana, não pôde de fórma alguma pôr em duvida essa ardencia d'alma que será um fermento certo de altas concepções estheticas. As suas capacidades profissionaes que lhe deram sempre o primeiro logar como cinzelador na *Escola de artes decorativas* de Genebra, e como gravador de medalhas na *Escola de Bellas Artes* de Paris sob a direcção do mestre impecavel que foi Chaplain, ministraram-lhe a technica completa para realisação do thema escolhido para a obra de arte.

E assim essa obra saiu ao mesmo tempo notavel como expressão viva- mente sentida e como peça de ourivesaria excepcional que é.

O thema escolhido, porque ella revela-o

O thema escolhido, porque ella revela-o



1—Dr. Affonso Costa 2—Sr. João Silva, auctor do trabalho do tinteiro monumental (Cliché Bitard & Lima)
 3—O tinteiro visto de frente

quasi com a mesma clareza com o que o artista o define verbalmente, é a aspiração nacional de que um republicano apaixonado sente penetrar-se o seu espirito no dia 5 de outubro: a Republica, como se fôra a alma rejuvenescida e retemperada da Patria, com a mão direita apontada ao longe, indica aos moços, á geração nova, o caminho ainda não trilhado e que, na sua frente, se desenrola a partir d'essa data memoravel; e ao mesmo tempo que aos pés calca a antiga Tyrania, cuja cabeça velha, feia e alucinada, aparece por baixo dos panejamentos que lhe envolvem as pernas, elle segura na mão esquerda o consagrado symbolo do poder das republicas, o feixe de varas e a machada que a completa.

Esse grupo está posto no cimo da construcção, d'onde melhor e mais largo se abraça o panorama da Patria; ergue-se num massiço pyramidal, acima de toda a região envolvente, estendida na sua base, longa faixa inclinada docemente para o mar.

Toda a estylisação da obra é inédita, nova como o assumpto a tratar, como o caminho a seguir, como as gentes que realisaram a revolução; nova e inédita a fórmula estrutural que é bem a de uma obra de arte decorativa; energica e ao mesmo tempo doce a commoção que a inspira, como a do povo em cujo seio a idéa revolucionaria se abrigava. Banido todo o preconceito estylistico de antigas eras, mais accentuado se torna o esforço artistico que a concepção da obra exigiu; a maxima independencia de estylisação concordando com a absoluta independencia do movimento gerador do facto glorificado.

No prato do tinteiro, á esquerda, senta-se um historiadador juvenil para inscrever com vigor nos fastos da Nação o anno de MCMX. Em meio de flôres espalhadas sem rythmo uma extensa palma pouza na sua concavidade limitada exteriormente pelo contorno da costa maritima portugueza, como que á espera de que a convertam na penna gloriosa do legislador; e nas duas extremidades dois globos armilares, dois mundos heraldicamente encimados por flores de lys, contém as tintas com que se fixam e communicam as idéas.

A meio do prato, na face anterior do massiço central e encostado a elle,

ergue-se um medalhão do fecundo legislador, representado de perfil e emoldurado superiormente em folhas de louro e carvalho, como sob um baldaquino.

Como disse, esta obra representa um caso excepcional na ourivesaria portugueza. Sabe-se que a nossa escultura, quer de grande arte, quer de arte decorativa, até que Soares dos Reis e Teixeira Lopes appareceram, não brilhava pelo seu poder expressivo, nem tão pouco pela pureza e belleza da sua linha estructural. E ainda hoje os nossos ourives cos-



MARITIMA EXECUTAR,
POR SUBSCRICÇÃO PUBLICA
PROMOVIDA PELA SEQUINTE
COMISSÃO:
JOAQUIM JOSÉ VAGHADO
JOÃO ALVES DE MATOS
MANUEL PEREIRA DIAS
JOSE FERREIRA DE AZEVEDO AMARAL
JOÃO NASCIMENTO DOS SANTOS
THOMAS VEIRA DOS SANTOS

O dorso da figura principal



1—O tinteiro de lade
2—O tinteiro visto a tres quartos
(Clichés Fernandes)

tumam mandar moldar e até fabricar no estrangeiro as figuras que devem entrar na composição de certas obras. Notavel se

torna o apparecimento de uma obra d'arte d'esta importancia, em que tudo procede de um só artista portuguez.

Mas não é apenas este facto que a recommenda á nossa admiração. Desde logo devemos apontar, como nota saliente e sobremaneira feliz, a da *côr geral* de toda a obra. O massiço que fórma o centro de base de toda a estrutura é feito de um só bloco de marmore azulado de Cintra; de prata são as tres figuras da Republica, do Povo moço e do Historiador, bem como os dois globos armilares, as flores, a palma e a cercadura da base; de marfim bellamente *patinado* o medalhão do ministro do governo provisorio; de ouro a moldura superior que o cobre, a placa em que, na face posterior, veem gravados os nomes dos offerentes e as arrecadas que, á laia de mulher do povo, a Republica ostenta nas orelhas. Todos estes materiaes se ligam n'uma bella harmonia de tons que logo á primeira vista nos impressiona pelo seu imprevisto e feliz encontro. A esta impressão junta-se logo após a de superior equilibrio e eurythmia da linha geral, que se mantem em todas as faces da obra, por qualquer lado que a observemos.

Seguidamente fere-nos a nota da mais graciosa e dôce elegancia de todo o trabalho, alliada á energia e decisão das figuras: a Republica sentada, numa attitude cheia de nobreza e de vontade; o moço portuguez, de pé, resolvendo-se a obedecer, a marchar para deante; o historiador possuido de um ele-



vado sentimento contemplativo. Um tal conjunto de valores convertem por isso mesmo a nova obra de João da Silva n'uma manifestação artistica que poucos poderiam realizar; n'elle reúnem-se, por assim dizer, varios artistas: um ourives, um esculptor, um gravador de medalhas, um cinzelador. Por isso digo que essa obra figura dentro da ourivesaria portugueza como um caso absolutamente excepcional e notavel.

E embora ella conserve o caracter integral de um exemplo de arte decorativa, é fóra de duvida que o seu valor expressivo a ergue ao campo da verdadeira grande arte.

O tinteiro serviu pois de mero pretexto á producção de mais uma bella obra, bella só por si, independentemente do thema tratado e considerada apenas como revelação de fórmulas e côres, no campo puro da commoção esthetica.

Tal deveria ser e creio que é o *desideratum* da commissão que a provocou.

As minhas felicitações vão pois, em primeiro lugar, para ella. A sua acção, nobre de per si, desdobrou-se num grupo de symbolos artisticos do mais puro e subido valor, na primeira obra d'arte notavel que a Republica inspira. Depois felicito o dr. Affonso Costa, que certamente só se servirá do seu admiravel tinteiro nos grandes dias festivos e o mandará collocar numa meza, porque elle foi feito para cima de meza, de fórma que se veja bem por todos os lados e que ninguém ouse macula-lo com horões de todos os dias, que o marmore para sempre absorveria com avidéz.

Certamente elle tambem se considerará como depositario d'esse

symbolo augusto que, pela sua larga e profunda significação, pertence desde o inicio ao futuro museu nacional da Republica; e a sua gloria está em vêr a sua effigie e o seu nome figurando ahi e personificando uma data gloriosa.

E, fina'mente, os meus affectuosos parabens ao nobre artista que eu vejo progredir todos os dias, insaciavel na sua aspiração para um ideal superior, nunca contente com a obra produzida e nunca vencido, ainda quando o seu esforço não consegue impôr-se á admiração justa de todos.

Lisboa, 22 setembro 1911.

Antonio Arroyo.



O perfil do tinteiro
(Clichés de J. Fernandes)

A CARESTIA DOS VIVERES EM FRANÇA.



Por todo o mundo nasce a revolta contra a carestia dos generos alimenticios. Em França as donas de casa organisam cortejos onde se arvoram taboetas revolucionarias, e que quasi sempre acabam por ser dispersos pela policia á qual os mani-

festantes v'olentemente respondem, como succedeu não só em Paris mas em Roubaix, Lyon e nas Ardennes onde, tomando conta da *mairie*, as mulheres fixaram o preço dos generos.



1— O cortejo de protesto contra a carestia de viveres, organizado pelas donas de casa, em Creil
2— O mercado de Creil guardado pela tropa

A CARESTIA DOS VIUERES NA AUSTRIA



Em Vienna d'Austria os tumultos foram feitos por muitos milhares de pessoas, que acorreram ao parlamento soltando gritos de viva a republica e recordando com saudações a Portugal a revolução d'outubro. A

tropa atirou sobre o povo que pedia a baixa do preço dos generos, matando duas pessoas e ferindo algumas dezenas. As manifestações ainda se repetiram deante do ministerio da guerra.



1—A multidão protestando diante do parlamento 2—A policia formada em frente do parlamento

No epílogo da revolta do Porto

(COMO FUGIU O DR. ALVES DA VEIGA)



Um incidente do epílogo da revolta do Porto que é curioso narrar, vem agora, passados vinte annos, á superfície.

Trata-se da forma porque Alves da Veiga conseguiu sair do paiz depois da revolução, estando vigiadas todas as fronteiras. E' o sr. dr. João Pedro de Sousa Campos, velho republicano de Varzim, quem recorda essa pagina da vida do caudilho revolucionario.

«Foi em 15 de fevereiro de 1891 que recebi na minha casa da Povoia de Varzim, o cidadão José Augusto Correia de Figueiredo, sollicitador no Porto, que me entregou uma carta de Alves da Veiga, na qual me pedia que lhe arranjasse um barco que o transportasse a Hespanha, visto não poder conservar-se mais tempo no Porto nem sair do paiz por via terrestre, visto a insistencia com que era procurado. Chegou á Povoia de Varzim ás 11 horas e meia da noite de 16 n'um coupé do alquilador Nipo que o deixou no logar das Portas Fronhas, ponto combinado para o acompanhar ao embarque para o qual já preparára tudo.

«Chovia, ventava, era uma noite de tempestade com o mar furiosamente agitado e o embarque tornava-se impossivel. Tratava-se de recolher Alves da Veiga e não lhe podia offerecer a minha casa, assaltada pelas auctoridades poucos dias depois da revolta e por isso levei-o para a residencia de meu cunhado Manuel José da Silva, na rua da Bandeira,



1—Alves da Veiga
2—A casa do sr. Manuel José da Silva, o «Casaleiro», sita na rua da Bandeira 2:2. Povoia de Varzim, em cujas aguas-furtadas — esteve hospedado o dr. Alves da Veiga de 17 a 19 de fevereiro de 1891

212, onde esteve até á madrugada de 10 de fevereiro em que embarcou. O chefe civil da revolta do Porto vestia um traço de pescador poveiro. Tremiamos todos n'uma grande anciedade.

«O barco estava preparado; a tripulação tambem. O Oceania, que ainda hoje existe e tem o n.º 427 de matricula, foi o baixel indicado para transportar o homem que a policia perseguia.

Seria tripulado por tres homens, o seu proprietario, dono da casa de banhos da rua do Paredão, Antonio da Costa Marques, e o mais experimentado dos lobos de mar de Varzim, o velho Dubo.

Estava tudo magnificamente combinado. O mar apla-



1—A catrãla «Oceania» na qual foi transportado o dr. Alves da Veiga em 19 de fevereiro de 1891, de Varzim ao porto de Guardia (Hespanha)

cára-se, mal luzia a manhã quando partiram.

«Navegaram assim até ao porto da Guardia, em Hespanha. Lá o deixaram; de lá seguiu o seu destino o nosso actual ministro na Belgica.

«Mas o velho Dubo, cheio de remorsos, tão receoso do inferno como valente para o mar, foi confessar o seu peccado ao padre José Antonio Rodrigues que, no delirio da febre infecciosa a que succumbiu no dia 11 de março d'aquelle anno, narrou o que

podendo por isso mostrar a carta de Alves da Veiga que seria um documento tão curioso como esse velho barco, o *Oceania*, no qual se salvou do degredo o meu amigo.»

Alves da Veiga, ao recordar-nos tambem o caso, inteiramente veridico, acrescenta commovidamente:

- «Quando cheguei a Guardia tirei da algibeira umas libras e quiz dal-as ao velho arraes que n'um gesto cheio de dignidade as recusou.»

D'este modo fica restabelecida a ver-



A praia da Povoia de Varzim d'onde partiu o dr. Alves da Veiga, vendo-se ao fundo (—) a cança que o levou — (Clichés do sr. Lopes Pereira)

ouvira de confissão ao velho pescador.»

Espalhou-se logo o que se passara e eu tive que queimar toda a correspondencia mantida com os revolucionarios não

dade historica ácerca da maneira porque conseguiu sahir de Portugal, que ha pouco agitára pela causa republicana, o homem que foi o presidente do primeiro governo provisório republicano.



1—Sr. José Augusto Correia de Figueiredo, solicitador que tratou da fuga de Alves da Veiga do Porto para Varzim (Cliché Biel) 2—Dr. José Pedro de Souza Campos, velho democrata, que acolheu Alves da Veiga em Varzim (Cliché Marques, de Varzim) 3—Sr. Manuel José da Silva, commerciante em Varzim, em casa de quem esteve escondido o dr. Alves da Veiga (Cliché Evaristo, de Varzim)



FIGURAS E FACTOS



Nas faldas da serra do Monsanto existe um centro republicano, fundado poucos dias antes da revolução e que festejou o seu primeiro anniversario em 24 de setembro com a assistencia do sr. dr. Bernardino Machado, que foi recebido a meio do caminho da localidade com manifestações que se repetiram até á sua entrada no club, onde fez um discurso sobre a cohesão que o povo exige no partido democratico.



O almoço ás creanças da freguezia de Santa Justa.—A junta de parochia de Santa Justa que offereceu banhos na Trafaria ás creanças necessitadas, concluiu a sua obra com um almoço aos pequenos banhistas e que se realisou em 24 de setembro, dia em que terminaram os seus banhos.



1—O sr. dr. Bernardino Machado no Monsanto 2—O Club do Monsanto
3—As creanças depois do almoço 4—O almoço ás creanças da freguezia de Santa Justa—
offerecido pela junta de parochia

(Clichés de Benoitel)

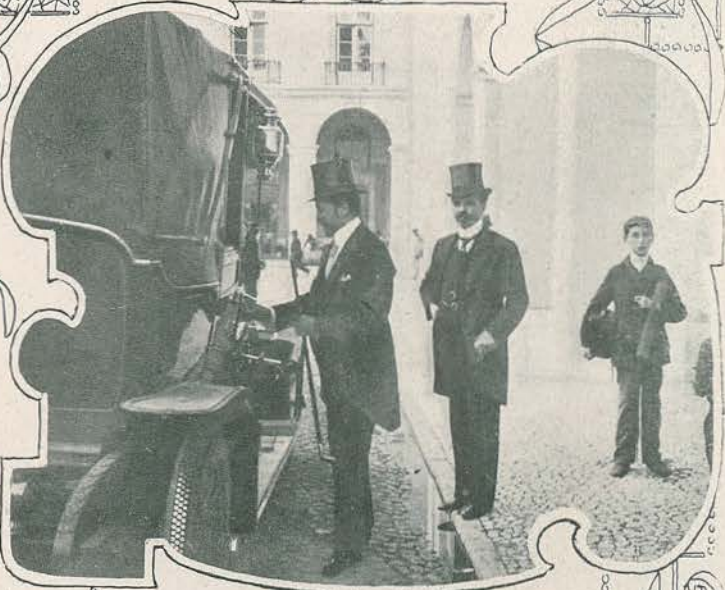
· O · EX · PRESIDENTE · DA · REPUBLICA · DO · · BRAZIL · EM · LISBOA ·

Quando se proclamou a Republica em Portugal estava entre nós, n'uma visita amiga, o actual presidente da Republica, brazileira, agora, a poucos dias de distancia da commemoração do anniversario do novo regimen, visitou-nos o presidente que Hermes da Fonseca substituiu.

O sr. dr. Nilo Peçanha não quiz regressar ao Rio de Janeiro sem se demorar algum tempo em Lisboa onde chegou em 20 de setembro.

Um delegado do governo portuguez aguardou-o na gare, o povo saudou-o nas ruas e durante os dias que esteve na capital de toda a parte lhe chegaram as mais respeitosas mensagens. Individuos das mais altas classes sociaes, commerciantes, industriaes o cumprimentaram no Avenida Palace onde se installou e onde o governo lhe offereceu um banquete no qual se trocaram as mais cordeaes affirmações da amizade entre Portugal e Brazil

No palacio de Belem foi recebido pelo Presidente da Republica com quem teve uma demorada entrevista e na Sociedade de Geographia, percorrendo todas as salas e detendo-se na dos costumes nacionaes, expressou toda a atisfação que lhe deixara essa visita. Esteve tambem em Cintra e no Monte Estoril e passeou algumas noites a pé nas ruas da cidade acompanhado pelo sr. dr. Oscar de Teffé, secretario da legação brazileira em Lisboa.



1—Dr. Nilo Peçanha, ex-presidente da Republica do Brazil que chegou a Lisboa em 20 de setembro
2—O sr. dr. Nilo Peçanha sahindo do ministerio dos estrangeiros com o sr. dr. Oscar Teffé encarregado de negocios do Brazil



Dos Jeronymos trouxe as mais vivas impressões transmitidas aos jornalistas que o entrevistaram; em S. Vicente de Fóra viu os quadros de Nuno Gonçalves e visitando o Pantheon dos reis esteve alguns momentos diante do athaude de D. Pedro II, soberano que, segundo affirmou, o dr. Nilo Peçanha, foi um



1—O sr. dr. Nilo Peçanha visitando o museu de costumes portuguezes
2—O Presidente da Sociedade de Geographia com o sr. dr. Nilo Peçanha á porta do edificio
3—O sr. dr. Nilo Peçanha, Oscar de Tefé e Belfort Ramos com os directores da Sociedade de Geographia srs. dr. Bernardino Machado, Hypacio de Brion Ernesto de Vasconcellos e encarregado de negocios do Brazil em Lisboa
(Clichés de Benoliet)

grande factor da civilisação brasileira.





OS JARDINS DO PALACIO FATIDICO

- 1—A entrada para o parque das Necessidades
 2—O busto de D. João V no Jardim de cima

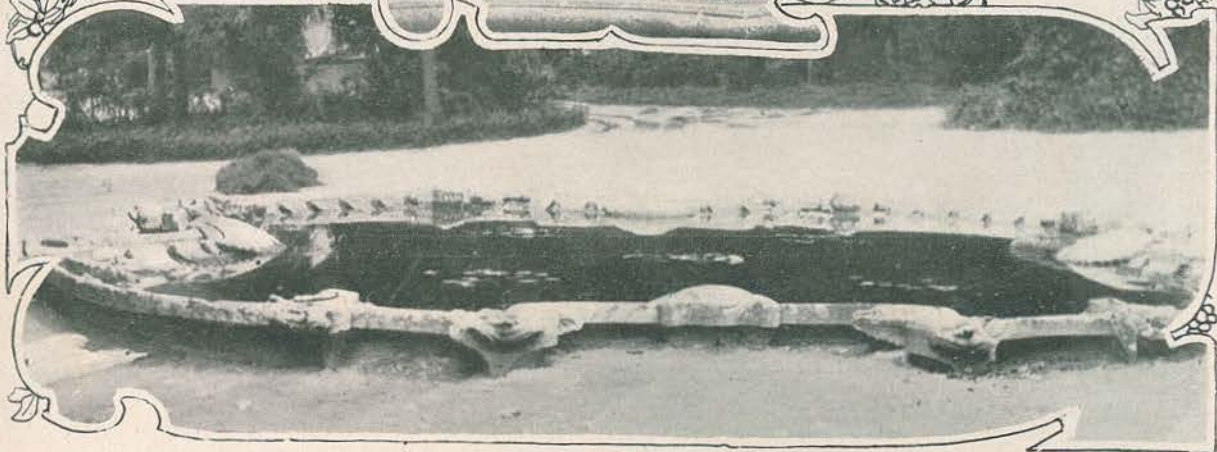
Ha casas sinistras. O seu aspecto recorda crimes, tragedias, horrores. Paredes esburacadas onde a hera se alastra, vigamentos á vista, degraus e alpendradas em ruinas, dão o ar de que a fatalidade por ali passou, que ninguem lá quer habitar. Existe uma casa assim em Santa Izabel com os vidros quebrados e as pa-



- 3—Um dos lagos do parque

redes tismadas, ha outra no caminho de Barcarena, com os azulejos picados, as telhas partidas, as portas arrombadas. Teem uma e outra um ar fidalgo. Quantas casas assim haverá pelo paiz?!

Mas aquelle palacio das Necessidades, com a sua fachada côr de rosa, as janellas altas, os seus jardins alegres, de bellos ar-





ruados brancos, bem tratados, torcendo-se entre verduras, as suas estatuas claras nos nichos, os seus braços entrelaçados sobre pedestaes, as aguas limpidas dos seus lagos e marcos, ser tambem uma casa fatidica, chega a causar pasmo. No emtanto assim parece ser. O povo o disse; o povo tem um vago instincto d'estas coisas do destino.

Quando morreu D. Pedro V, por um novembro frio e chuvoso, quasi ao mesmo tempo que fallecia o pequeno infante D. Fernando, a multi-

essa casa está mal-dita».

Com effeito — dizia o povo que isso vinha de ter sido ali um convento e haver lá frades enterrados — nunca os seus habitantes gosaram d'uma grande felicidade.

O infante D. Manuel, que foi o seu primeiro morador, largou-a, ao cabo d'uns mezes, para ir viver na quinta do Pombeiro; seu irmão D. Antonio, tambem abandonou o palacio por uma pobre casa da Tapada d'Ajuda; D. Pedro IV preferiu-lhe Queluz; o principe de Lu-chutenberg, pri-



1—O lado do palacio que deita para os jardins 2—Um arruado do jardim.

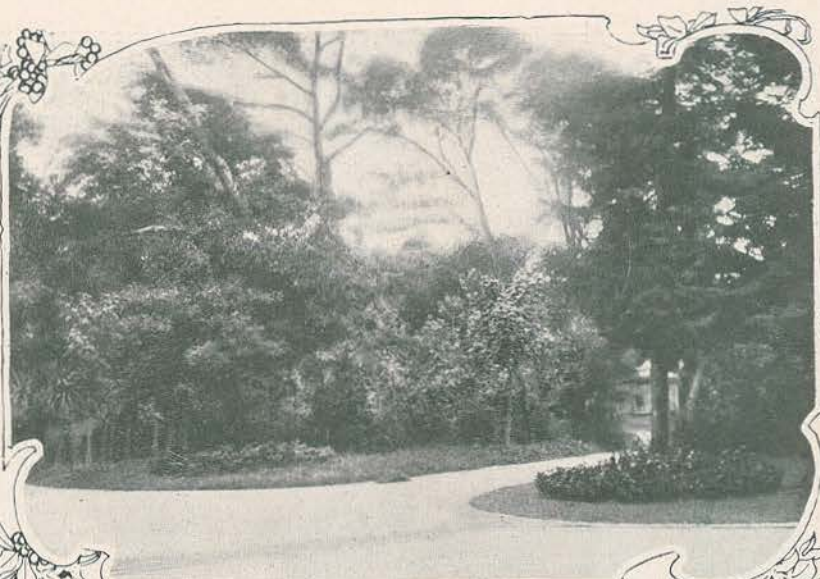
dão vestida de luto, ajoelhada na lama do largo, dizia ao rei Luiz n'um clamor:

«Não fique ahi, meu senhor, que

meiro marido de D. Maria II, morreu ao fim de tres mezes de casado. Depois é D. Estephania que, após um pouco tempo de idyllio

por aquelles jardins, de furtivos beijos dados á sombra dos arvoredos, parte d'este mundo deixando desvairado o pobre D. Pedro V. Segue-se-lhe seu irmão D. Fernando.

Fala-se em conjuras, em venenos, em horrores. Surgem as lendas mysteriosas e enquanto a chuva fazia transbordar os lagos dos jardins e o vento quebrava os ramos das arvores, o rei, com o pensamento lá



teimou em instalar-se no palacio das Necessidades. Encheu de veados e corças os viveiros do parque, povoou-o d'aves, mandou aformosear aquelles jardins, que o herdeiro devia atravessar cheio de pavores acosado pela revolução, e logo rebentou a questão com a Inglaterra, depois a revolta do Porto.

Para ali o levaram com o filho mais velho depois da scena tragica do Terreiro do Paço e aque les jardins, que os tinham visto no tennis ou á sombra das suas arvores viram os



- 1—Uma rua do Jardim
- 2—Uma das escadarias do palacio que deita para os jardins
- 3—Trecho do parque

por longe, n'um enleio mystico que foi a sua agonia, ia recitando versos de Dante á sua Beatriz.

D. Luiz, ante aquelle aviso supersticioso do povo, foi morar para Caxias e d'ali para a Ajuda. Sem a revolta de Saldanha teria sido um reinado quasi sem incidentes o seu. Viveu burguezmente aquelle Bragança.

Durante a sua vida de principe D Carlos habitou Belem, tambem enquadrado em jardins; depois, apesar das recepções se fazerem em Ajuda,

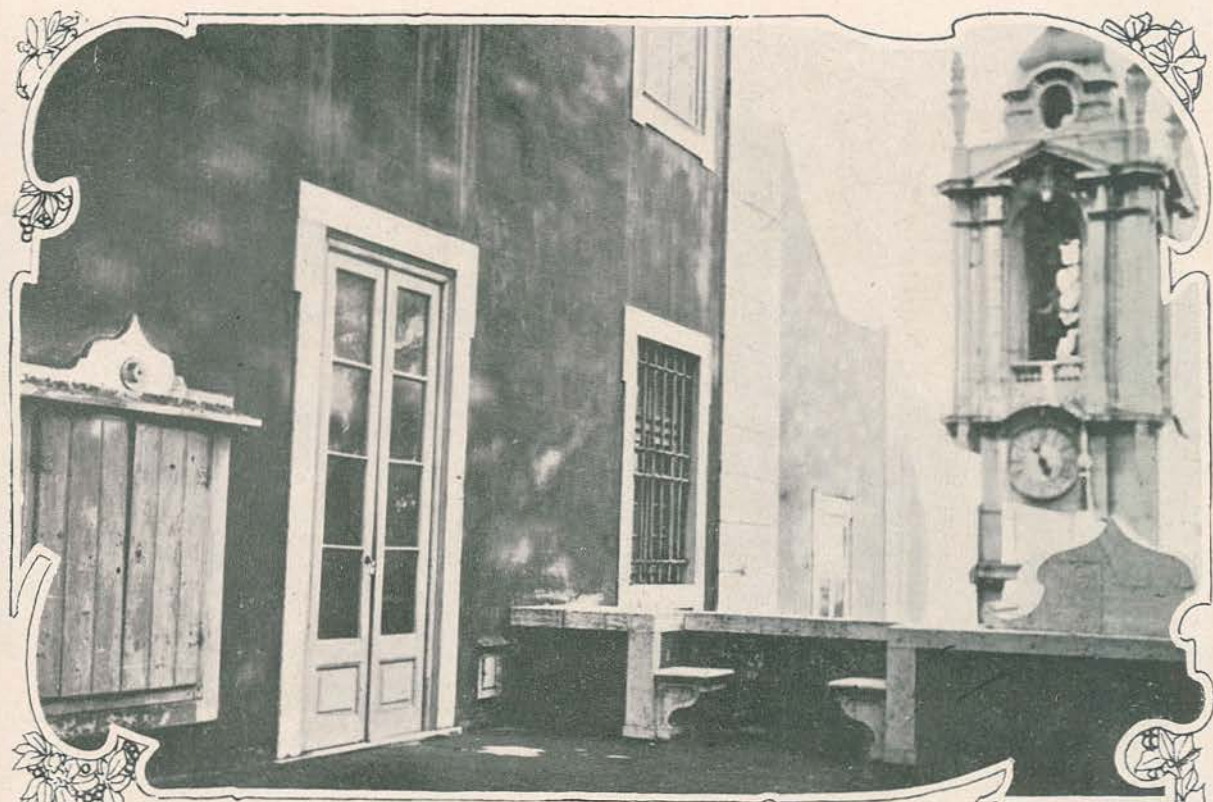




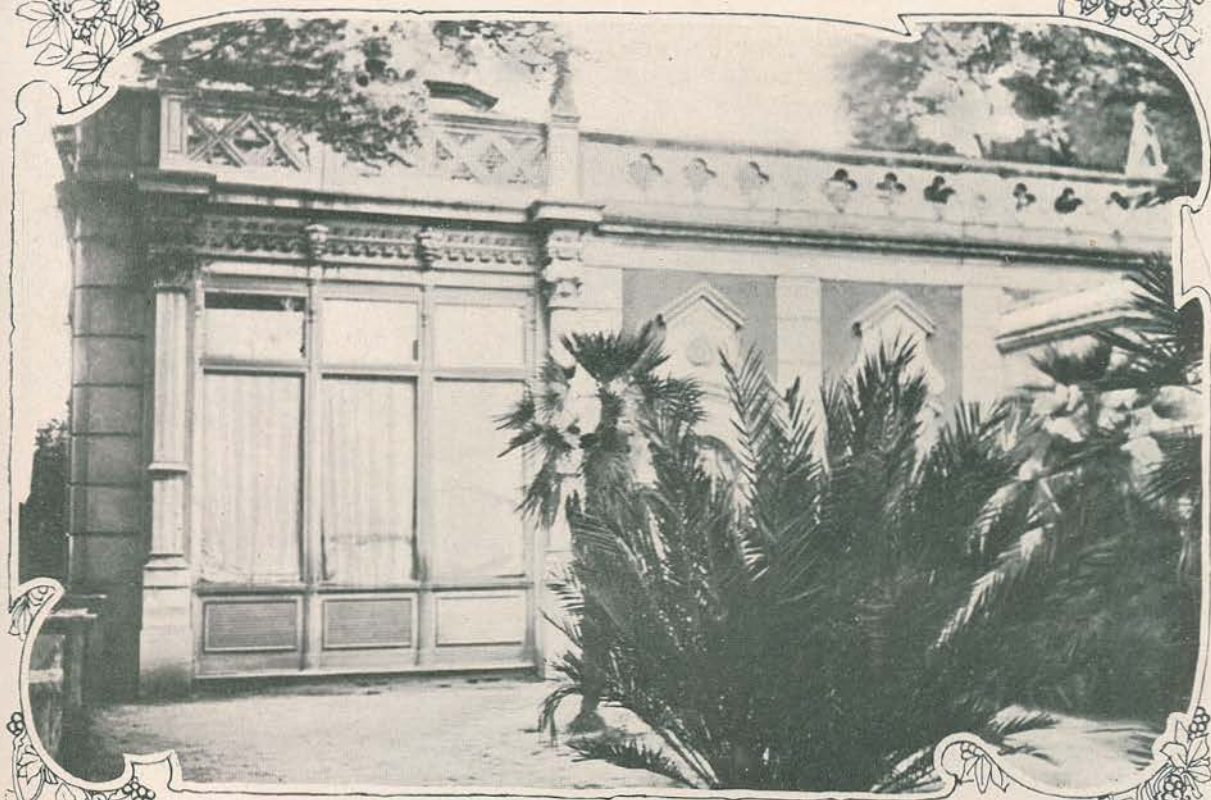
clarões dos cirios que alumiam os seus cadaveres. Entretanto D. Manuel ficou no palacio; habitou-o em sobresaltos, em terrores. Ao começo os muros altos foram vigiados por patrulhas, abriu-se do lado do picadeiro um posto de guarda; noite e dia as sentinellas attentas tomavam conta d'esse rei moço que sentia o throno vacillar. Nos jardins,



1—A porta do palacio que dá serventia para o Jardim de cima
 2—O muro das Necessidades
 por onde saltou o ex-rei D. Manuel na tarde de 4 de Outubro



que atravessou pallido de susto, ao ouvir estalar os ramos das arvores devia arrepiar-se, nunca mais jogando tennis sem recordar o irmão seu companheiro n'esse divertimento e a vista do parque decerto lhe lembrava se os mestres lhe ensinaram conscienciosamente a historia, todo o fatalismo da sua familia n'aquelle palacio.



1—Um terraço do palacio 2—O atelier de D. Amélia no parque das Necessidades, por cuja porta sahio D. Manuel no dia da revolução



1—O picadeiro onde D. Manuel celebrou
o seu concillabulo
com os officiaes e dignitarios
acêrca das resoluções
a tomar no dia da revolução
2—Um canto do terraço

Lá em cima, ao cabo das ruas que se atravessam agradavelmente, á sombra das arvores magnificas fica o atelier da D. Amelia, que foi um refugio agradável. Ainda lá estão quadros, objectos d'arte, coisas cobertas de poeira, em que de ha muito se não tocava.

Tambem os homens de 1820 passearam por vezes nos jardins do palacio, mesmo para elles

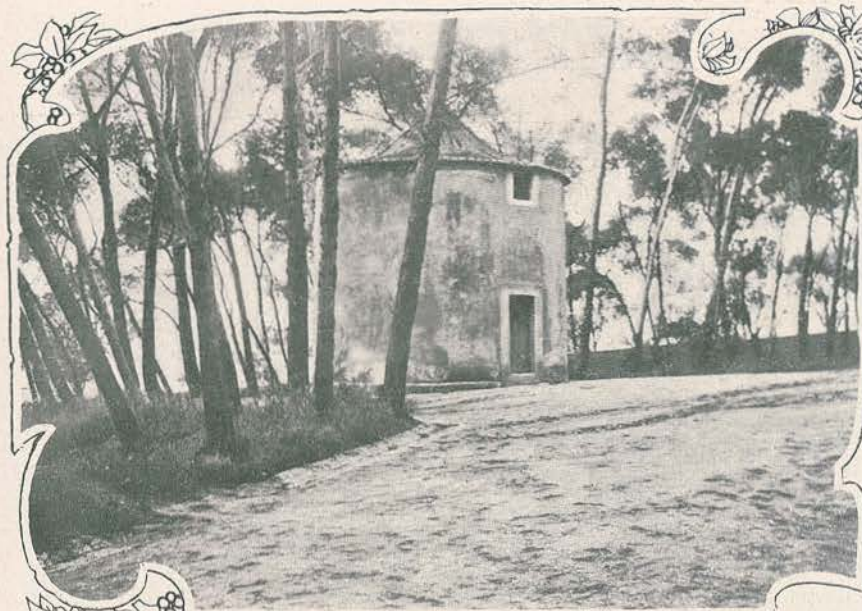


3—Trecho do jardim

desagradavel. Um incendio devorou a sala onde se reuniam as côrtes e naturalmente no fogo desapareceu o retrato de D. João VI, soberbo trabalho de Sequeira.

A ultima scena da



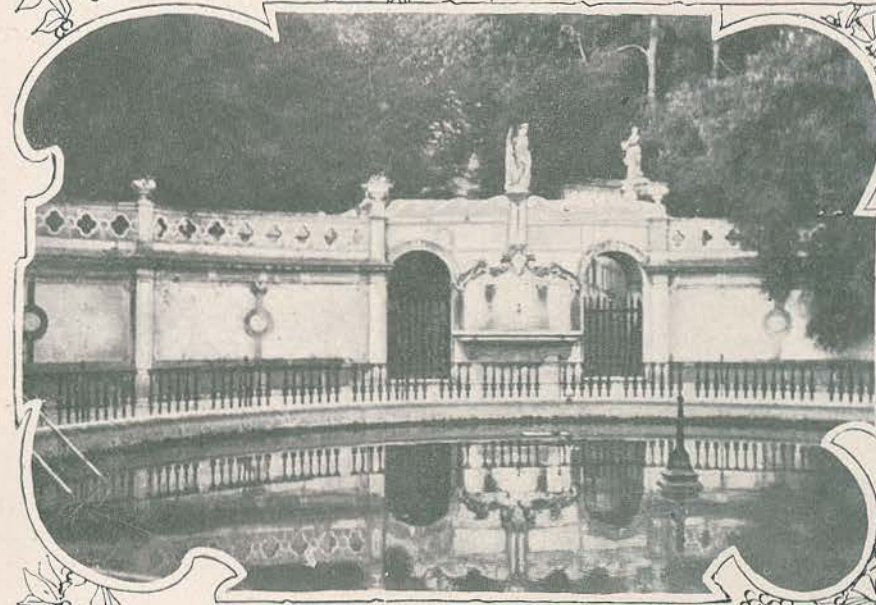


1—Um antigo moinho no parque

realeza a que esses jardins assistiram foi a do conciliabulo do ex-rei D. Manuel no picadeiro, a deliberação da fuga ao som dos tiros que deruíam a fachada da morada fatal, a travessia rápida, sem um olhar saudosos, por aquelles aruados brancos, e por fim o encostar da esca-



2—A escadaria do palacio por onde D. Manuel sahíu para os jardins no dia da revolução



3—O grande lago (Clichés de Benoliel)

da ao muro tísnado onde se lê o nome do fundador do paço, o salto, a fuga, a maneira porque esse rei o abandonou.

No fundo do seu nicho, entre verdura, com as suas rendas lavradas na brancura do marmore, a sua cabelleira, os seus olhos expressivos, o busto de D. João V, do fundador do palacio, assistiu a tudo aquillo, ao som da agua que se ou-

via cantar do repuxo do lago quando a artilharia se calou. Todos os palacios reaes teem lendas, por todos elles apparecem phantasticas Damas Brancas e Monges Negros, mas este, onde mais vaguearam vultos de frades do que as suas sombras, foi bem uma casa fatidica para os seus habitantes realengos.

R. M

FIGURAS E FACTOS



Os sargentos de infantaria 5 inauguraram na sua sala o retrato do coronel sr. Luiz Guedes em comemoração do seu aniversário que passou em 25 de setembro. Esta festa de fraternidade militar acabou por um discurso do commandante do regimento, enaltecendo a obra da republica e agradecendo aos seus subordinados a prova de amizade que lhe deram.



Realizou-se em 26 de setembro o consorcio do sr. João Pereira da Rosa, inspector das officinas do *Seculo*, com a sr.^a D. Angelica Emma Pavão, sendo o acto registado na administração do terceiro bairro e a cerimonia religiosa celebrada na igreja das Mercês. Testemunharam o consorcio a sr.^a D. Maria Candida da Rosa, irmã do noivo e D. Georgina de Almeida Segurado e os srs Sá Carneiro, distincto engenheiro e Francisco Costa, empregado superior do *Seculo*.



1—UM CASAMENTO ELEGANTE: Os noivos sahindo da igreja 2—Alguns dos convidados
3—Os sargentos de infantaria 5 com o seu coronel sr. Luiz Guedes
depois da inauguração do seu retrato na secretaria do quartel 4—O muro esboroado pela machina
descarrilada 5—A machina da locomotiva que decarrilou na estação do Rocio em 24 de setembro

A Charqueada de Santa Thereza



A terra é sempre generosa; paga com bons juros áquelles que a tratam, a cultivam, lhe dão os seus cuidados. Rasga-se em fertilidade, desentranha-se em abundancia, tem surpresas de maravilha e para em tudo ser magnifica

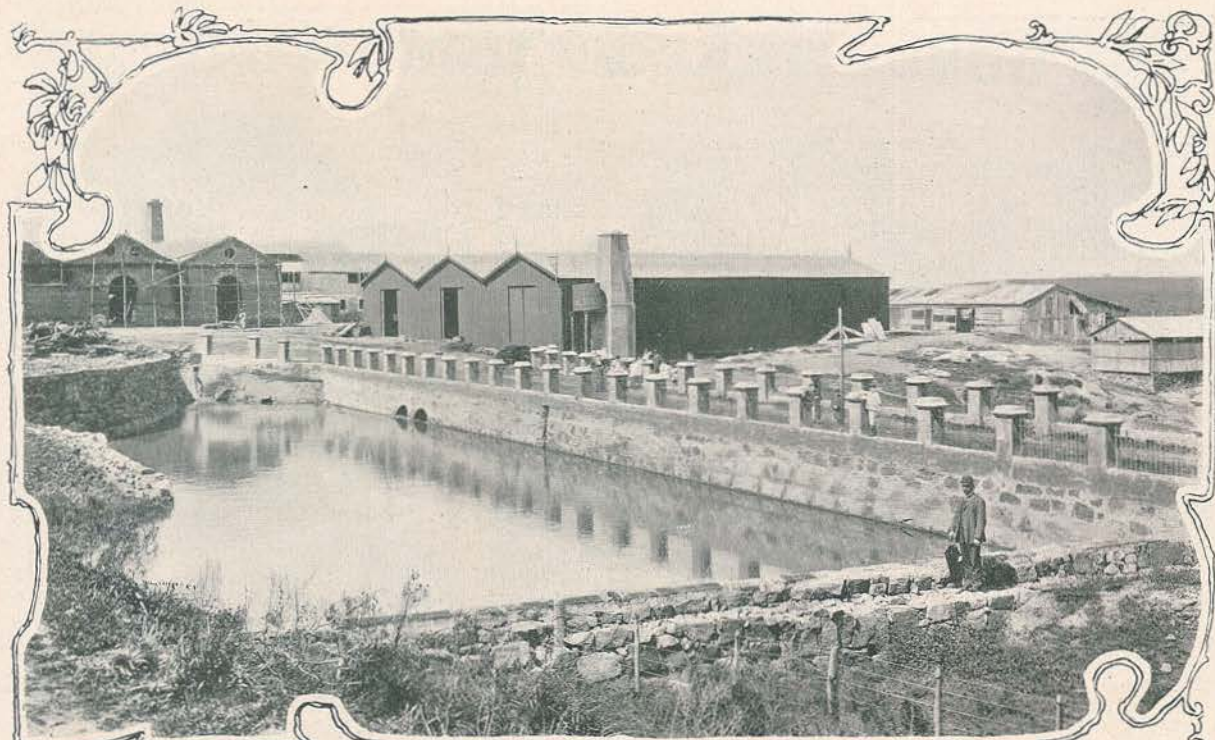
até nos seus aspectos é prodiga.



Homens de grande valor recolhem-se ao cabo d'uma carreira brilhante aos seus cantos campestres, dedicam-se á lavoura e n'ella querem findar. Cincinato fez isso; Saldanha, no intervallo das agitações politicas, foi para a sua quinta de Cintra tratar da criação de vaccas leiteiras, Mas onde teem alto interesse tomar semelhantes resoluções é n'esses paizes novos, nas extensões enormes em que o proprietario é como um patriarcha fundando uma cidade. O dr. Assis Brazil, que foi ministro brasileiro em Lisboa, está realisando grandes progressos agricolas na vastidão das suas propriedades do Rio Grande do Sul. Ali trabalha, ali vive, ali é utilissimo. Tambem na mesma provincia um nosso compatriota, senhor



1—O sr. visconde de Ribeiro de Magalhães 2—A sr.ª viscondessa de Ribeiro de Magalhães
3—Jardins do palacio do sr. visconde de Ribeiro de Magalhães



de grandes extensões de terreno, tem creado uma obra magnifica, realizado prodigios na propriedade que se chama o Charqueado de Santa Thereza, no Bagé.

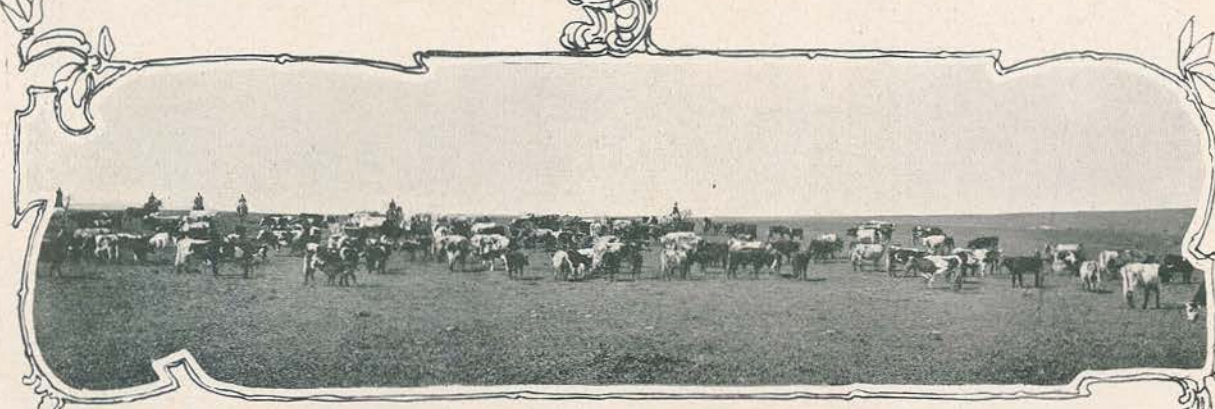
A criação do gado é o principal fim do abastado agricultor. Em pastagens enormes, verdejantes, tratadas com cuidados, os rebanhos vivem, mais longe grandes manadas enchem os prados cultivados por processos modernissimos. Noventa mil cabeças de gado são mortas annualmente no Charqueado de Santa Thereza, sendo a carne exportada e existindo na propriedade uma fabrica de linguas de conserva e fumadas, na qual se empregam em todos os serviços uns mil e oitocentos operarios.

E, como se vê, uma villa. Esses mil e oitocentos trabalhadores, com as suas familias, formam já uma grande população e para a manter, para prover ás suas necessidades muitas installações de todo o genero

se tem feito na magnifica propriedade. Não existem apenas as casas que elles habitam, os edificios onde se movem as machinas, se fazem os trabalhos, os grandiosos estabulos, os logares dos engenhos e dos matadouros, tudo quanto é necessario para os processos da industria que ali em tão grande escala se cultiva, são tambem as escolas, o hospital, a pharmacia, a fabrica de pão, bolachas e moagens com a igreja e com o theatro.

Depois a residencia monumental do proprietario, os jardins vastissimos e lindos com a mais luxuriante flora tropical, enquadrando a moradia onde o visconde de Ribeiro Magalhães reúne por vezes os seus vinte e seis netos, que enchem de alegria as salas artisticas do palacio de Santa Thereza, a dois passos dos logares onde a industria se vae desenvolvendo, enriquecendo esse canto da região brasileira.

C. J.



1—Um aspecto da charqueada de Santa Thereza

2—Manada de gado na propriedade do sr. visconde de Ribeiro Magalhães em Bagé

UMA CORRIDA DE BICYCLETTAS EM SETUBAL



1—O sr. dr. Bernardino Machado chegando à estação

Realisou-se em Setubal uma corrida de bicyclettas com a assistencia do sr. dr. Bernardino



2—A partida dos cyclistas (Clichés de Benoliel)



3 e 4—Aspectos da corrida de cyclistas

Machado que tinha ido áquella cidade inaugurar o Albergue Nocturno.

As corridas tiveram um grande interesse, despertaram entusiasmo no povo que



desejava vêr os corretores de Lisboa que tomaram parte no torneio. A primeira prova, de vinte kilometros, foi ganha pelo sr. Antonio dos Santos, que fez o percurso em quarenta e dois minutos e cinco segundos e a segunda pelo sr. Antonio Ramos.

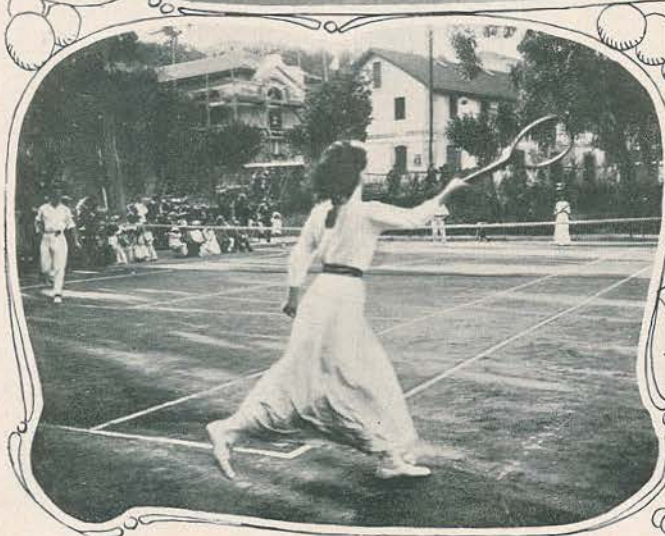
Na outra corrida, quarenta kilometros, ganhou o sr. Alberto d'Albuquerque e em segundo lugar chegou o sr. Carlos Jorge

O TORNEIO DE TENNIS NO PARQUE SILVA GRAÇA NO MONTE-ESTORIL

Foi uma linda festa a que assistiu a colonia elegante do Monte Estoril no parque Silva Graça, o antigo parque das Palmeiras, onde se installou um campo de tennis.

Não foi só a pericia dos jogadores, a reputação formada d'alguns d'elles que atrahiu toda aquella escolhida assistencia; foi, sobretudo, o encanto de se passarem

1—Miss Ryder jogando. 2—O grupo dos jogadores sentados, srs. Eduardo Villaca, Victor Ryder e J. Rugeroni. De pé: sr. José Correia, miss Alice Ryder, Brasyshaw, Morphey, Antonio Bossa, Miss Clou, Miss Ada Ryder, Moser e Mary Ryder



3—Miss Ryder na defeza 4—Um aspecto do jogo



1—O sr. Rugeroni jogando

2—Um aspecto da assistência (Clichés de Benoliel)

umas horas n'um bello convivio, enquanto os jogadores se enthusiasmavam na partida, communicando o seu enthusiasmo aos espectadores. Durante duas tardes foi disputado o torneio e deante do comprovado merecimento das pessoas que n'ele tomaram parte havia um grande interesse em ver os resulta-



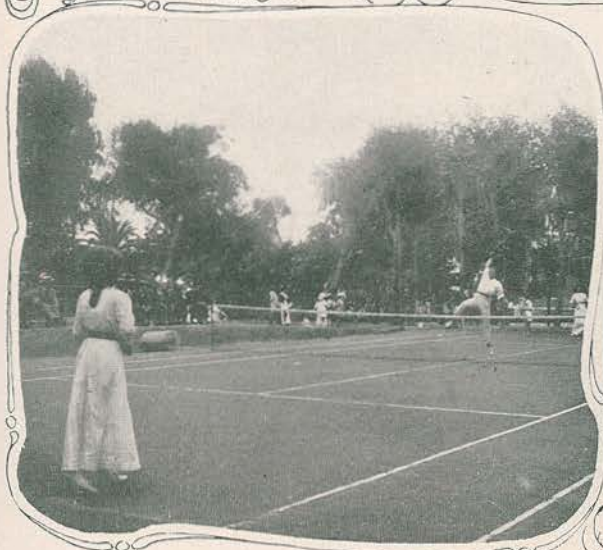
dos. Finalmente foram proclamados vencedores em primeiro lugar miss Alice Ryder e seu irmão Victor Ryder e em segundo lugar miss Mary

Ryder e o sr. J. Rugeroni que receberam respectivamente premios offerecidos pelos srs J. Maria Alvares e J. Gilman, sendo o do ultimo uma lindissima e bem trabalhada jarra, que ficou pertencendo a miss Mary Ryder.

Depois improvisou-se uma festa, serviu-se um pequeno lunch e da maneira encantadora por que decorrera terminou a festa no bello parque Silva Graça, onde deu rendez-vous n'essas tardes de tennis a sociedade elegante do Monte Estoril.



3—Outro aspecto do jogo
4—Miss Ryder e seu irmão, vencedores do torneio



TORNEIO DE NATAÇÃO NO ESTORIL



Um dos aspectos interessantes das provas de natação realizadas em 18 de setembro no Estoril foi o da corrida infantil dos alumnos da escola d'esses exercicios da localidade e que é dirigida pelo sr. Dario Cannas.

Com essa prova se iniciou a festa, sendo a corrida de trinta metros ganha pelo menino José Cunha, que recebeu muitos applausos. Houve então a corrida de cinquenta metros disputada por nadadores conhecidos, ganhando o sr. Guilherme Harold; na de cem metros, que despertou immensa curiosidade, coube o primeiro premio

- 1—O vencedor
- 2—Os concorrentes
- 3—O professor de natação sr. Dario Cannas
- 4—Um aspecto da praia (Clichés de Benoliel)



ao sr. Jayme Leotte do Rego e o segundo ao sr. Joaquim Espada A final, de dezentos e cinquenta metros, seguida com todo o entusiasmo, foi ganha pela equipe composta pelos srs. Hernani Silva, Luiz Leotte e Luiz Roquette.





FIGURAS E FACTOS



*O sr. dr. Celestino d'Almeida
ministro das Colonias*

Creou-se um ministerio das colonias e realmente havia uma grande necessidade d'elle. Um paiz como Portugal, senhor de vastissimas possessões, precisava ter os serviços de administração, direcção, fomento d'esses territorios, onde tudo está por fazer, a cargo d'um ministerio especial.

Toda essa vida colonial que tanto preocupa as outras nações, que interessa o desenvolvimento dos paizes sendo a sua mais preciosa fórma de expansão, estava abandonada entre nós devendo o ministerio agora creado dar um grande impulso á obra de que depende muito a riqueza de Portugal.

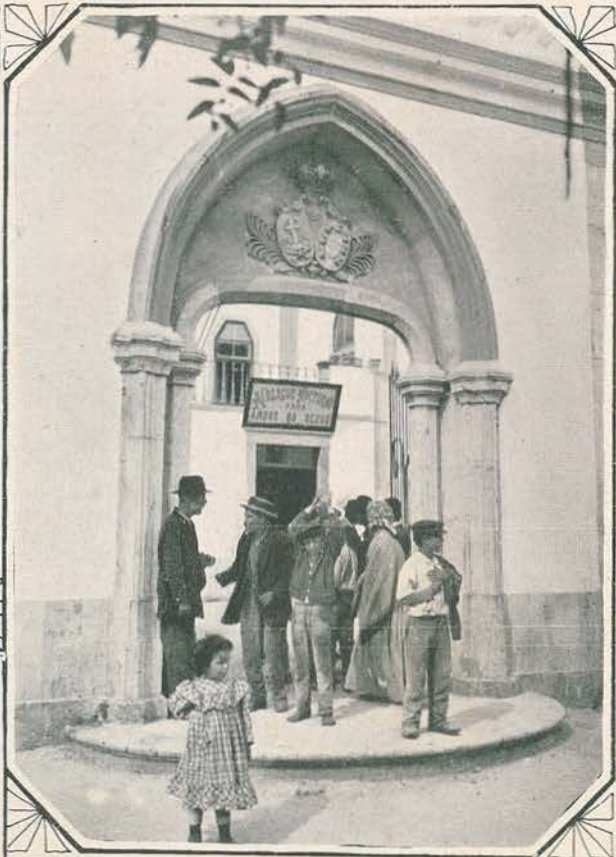
O ministro nomeado é o sr. dr. Celestino d'Almeida, medico e antigo propagandista republicano, que tem visitado ultimamente todos os edificios dependentes do seu ministerio e entre elles o hospital colonial e escola de medicina tropical.



1—O sr. dr. Celestino d'Almeida ministro das colonias á sahida do hospital colonial acompanhado pelo director do estabelecimento sr. dr. Bordallo Pinheiro
2—O dr. Magalhães Lima (◊) acclamado em Ravenna onde chegou em 7 de setembro

Setubal tem já um albergue nocturno cuja organização é como todas as do genero e onde os desportegidos podem encontrar, durante duas noites seguidas, um leito para repouso, um banho e um caldo.

Foi a commissão parochial da freguezia de S. Julião d'aquella c dade que creou essa utilissima instituição inaugurada em 15 de setembro por occasião dos festejos da cidade em honra da memoria de Bocage, assistindo á cerimonia o sr. dr. Bernardino Machado que escreveu no livro dos visitantes palavras d'apoio e incentivo para os promotores d'essa obra benemerita.



1—O novo Albergue Nocturno de Setubal. Inaugurado por occasião das festas do centenario de Bocage. 2 e 3—A crise do azeite: O povo esperando vez de comprar azeite (Clichés do Bazar Photographic)



necerem do genero a preços baratos que ha tanto tempo escasseava no mercado, tornando difficil a vida dos trabalhadores. São aspectos da correria aos armazens da Favorita, no Porto, que publicamos como documentação d'esse final da crise que tanto custou a liquidar.

A carestia do azeite era uma calamidade para os lares pobres. Sendo o tempero das suas refeições exiguas a crise que ha pouco ainda se debellou bastante affligiu as classes proletarias. Logo que se deu livre entrada ao azeite hespanhol houve commerciantes que importaram grandes quantidades e que nos primeiros dias viram verdadeiras multidões acorrerem aos seus armazens e estabelecimentos afim de se for-



COMPANHIA DO

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Accões.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização.....	266.400\$000
Reis.....	950.310\$000

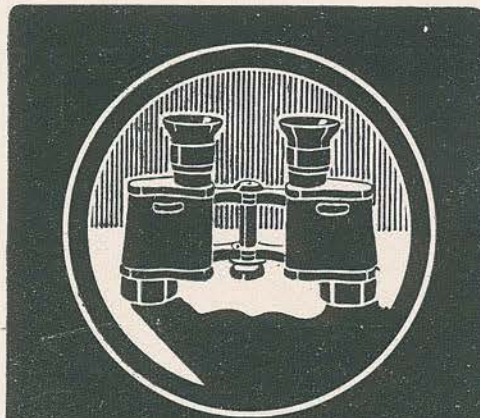
Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de lórma. Fornece papel aos mais importantes tornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—43, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telephonicos Lisboa, 605—Porto, 417.



ZEISS BINOCULOS

PARA

VIAGEM ♦ SPORT ♦ CAÇA

Peçam-se prospectos T 89

A' venda em todos os estabelecimentos de Optica e por:

CARL ZEISS-JENA (Allemanha)

Berlim—Francfort s. M.—Hamburgo

Paris—Vienna—S. Petersburgo

Londres—Milão

COMPREM AS Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas novidades em preto branco ou cor:

Duchesse, Voile, Setim flexivel, Taffetas, Crêpe de Chine, Eolienne, Côtelé, Mouseline, largura 120 cm. a partir de 1 fr. 25 c. o metro, **Veludo e Peluche** para vestidos, blusas etc. assim como **blusas e vestidos bordados** em batiste, lã, linho e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos freguezes e francas de porte a domicilio.**

Schweizer & Co.

Lucerne E 11 (Suissa)

Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real

CONSTIPAÇÕES antigas e recentes
TOSSES
BRONCHITES
são radicalmente **CURADAS**
PELA

SOLUÇÃO PAUTAUBERGE

que dá
PULMÕES ROBUSTOS
e previne contra a
TUBERCULOSE

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.

L. PAUTAUBERGE
COURBEVOIE-PARIS
e em todas as Pharmacias.

UNIÃO PHOTOGRAPHICA INDUSTRIAL ESTABELECIMENTOS

LUMIERE ET JOUGLA

REUNIDOS

PLACAS · PAPEIS · PELLICULAS · PRODUCTOS

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

**RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS**

Dr. BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris. e em todas as Pharmacias.



LOCÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo
L. DEQUEANT Pharmacolico 38, Rue Clignancourt, Paris
Em LISBOA, 15 Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e phisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA.

Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000 rs.

PARA ENGADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Já estão á venda bonitas capas em percalina de phantasia para encadernar o **primeiro semestre d este anno** da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de optimo effeito. Preço **360** reis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicio respectivos.

ADMINISTRAÇÃO D'«O SEculo»

Rua do Seculo, 43

LISBOA

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



MUSEU BIBENDUM

QUARTO QUADRO

APRÈS MOI... O FIM DOS PNEUS!



Quantos automobilistas se importam andam os seus pneumáticos e se es com olhos de dono, afim de reconhe remediarem enquanto é tempo?

Dizem comsigo: «Isto assim vae dos quando se veem em presença de de cuidado.

Se o proprietário do envolucro cujos ficado, antes de se pôr a caminho, o ria visto deteriorado poucas horas de

Não vos fieis em apparencias que cro rodou milhares e milhares de kilo notareis que a borracha está rapada arranhaduras que são signaes certos realidade, este envolucro fez apenas nos! Rodando em condições defei çar livremente e o obrigavam a andar paço d'uma manhã.

A nossa tarifa vos dirá quantos lui Um pouco menos de negligencia e tel-os-hiam poupado.



bem pouco com as condições em que quecem d'olhar para os seus carros serem a avaria que se prepara e de a

bem!»; e ficam depois muito admira deteriorações resultantes da sua falta

restos se veem aqui hoje, tivesse veri parallelismo das suas rodas, não o te pois.

vos levariam a crêr que este envolu metros. Examinando-o com cuidado com intervallos regulares, e apresenta da falta de parallelismo das rodas. Na 300 kilometros, nem mais, nem me tuosas, que lhe não permittiam avan de lado, durou, como as rosas, o es

zes se perderam assim sem resultado algumas voltas com a chave inglesa

MICHELIN



N. B. — Bibendum terá a honra de vos apresentar as seguintes peças do seu museu, n'este mesmo lugar, em cada primeira segunda-feira de cada mez.